



## **Interpretação Preferencial de Pronomes Nulos em Frases Ambíguas no Português Brasileiro por Falantes Monolíngues Universitários do Curso de Letras: Um Estudo *Off-Line***

*Henrique Miguel de Lima Silva<sup>1</sup>; Rita de Cássia Freire de Melo<sup>2</sup>;  
Rayane Bezerra de França<sup>3</sup>*

**Resumo:** O fenômeno linguístico da ambiguidade é concreto nos discursos daqueles que falam qualquer idioma e, por proporcionar uma duplicidade de sentidos, costuma gerar dúvidas no receptor do enunciado. Desse modo, o segundo interlocutor leva mais tempo para processar a informação e fazer as correlações adequadas. O objetivo do nosso estudo de compreensão leitora foi testar a hipótese de que há uma preferência de função sintática e de posição quando se tem frases ambíguas formadas por uma oração temporal e uma oração principal dispendo de pronome nulo. Essas frases experimentais têm por sujeito e objeto substantivos próprios de ambos os gêneros, feminino e masculino. Nesse experimento *off-line*, dez estudantes do curso de Letras responderam a um formulário no *Google Forms* com as mesmas frases experimentais já citadas (16) e outras distratoras (32), a fim de se comprovar suas preferências sintáticas entre sujeito e objeto. Como resultado, pode-se dizer que a correferência dos pronomes nulos se deu majoritariamente com o sujeito da oração subordinada em posição canônica. Conclui-se, portanto, que há uma compatibilidade de resultados com as predições feitas pela Hipótese da Posição do Antecedente (HPA) baseadas em Carminati (2002).

**Palavras-chave:** Correferencialidade. Ambiguidade. Psicolinguística Experimental.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Ensino pelo PPGE/Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Doutor em Linguística pelo ProLing/Universidade Federal da Paraíba. Docente efetivo do DLPL/ Universidade Federal da Paraíba e professor permanente nos Programa de Pós-graduação Em Linguística PROLING e Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino PGLE ambos pela Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do PIBID Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduação em Licenciatura – Letras pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (1992) e mestrado em Formação de Professores de Espanhol como L2 pela Universidade de Barcelona (2000) revalidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora do Laboratório de Línguas de Espanhol pela Universidade de Pernambuco. Atualmente é professora adjunta da Universidade de Pernambuco. E-mail: rita.freire@upe.br;

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras – Português/Inglês da Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: rayane.franca@upe.br;

## **Preferential Interpretation of Null Pronouns in Ambiguous Sentences in Brazilian Portuguese by University Monolingual Speakers of the Letters Course: An Off-Line Study**

**Abstract:** The linguistic phenomenon of ambiguity is concrete in the speech of those who speak any language and, by providing a duplicity of meanings, it usually generates doubts in the receiver of the statement. Thus, the second interlocutor takes more time to process the information and make the appropriate correlations. The objective of our reading comprehension study was to test the hypothesis that there is a syntactic function and position preference when there are ambiguous sentences formed by a temporal clause and a main clause with a null pronoun. These experimental sentences have both female and male proper nouns as subject and object. In this off-line experiment, ten English language students answered a Google Forms form with the same experimental sentences (16) and other distractors (32), in order to check their syntactic preferences between subject and object. As a result, it can be said that the null pronouns' coreference was mostly with the subject of the subordinate clause in canonical position. We conclude, therefore, that there is a compatibility of results with the predictions made by the Position of Antecedent Hypothesis (PAH) based on Carminati (2002).

**Keywords:** Coreferentiality. Ambiguity. Experimental Psycholinguistics.

### **Introdução**

Como se sabe, a Linguística é o nome dado à ciência que estuda a linguagem humana, debruçando-se em variados campos de pesquisa como a) forma e funcionamento das línguas naturais, b) estudos clássicos, c) funcionamento do discurso e do texto, d) linguagem e pensamento e e) linguagem, história e conhecimento. Dentre suas principais correntes, pode-se encontrar a da Psicolinguística, cujos postulados vêm se firmando ao longo dos anos. Essa é uma ramificação que vislumbra a produção de conhecimento acerca das relações existentes entre linguagem e pensamento.

Assim, descrever a forma como nós, seres humanos, processamos em nossa mente os discursos e as sentenças que nos rodeiam é o escopo precípua dessa tenra ciência. Na busca de um profundo entendimento das relações presentes em nosso cérebro entre o recebimento da informação e sua decodificação, a Psicolinguística fincou raízes em pesquisas experimentais que lhe proporcionassem o aparato necessário à compreensão desse fenômeno intrínseco ao homem. Diferentemente do proposto pela Linguística Estruturalista de Saussure, tal ramo enseja análises pautadas numa visão de linguagem como faculdade humana e não somente como fato social distante do indivíduo. É nessa perspectiva que deve ser pensada a Psicolinguística.

Não obstante, essa nova categoria linguística, que se mostra ampla, abarcando vários aspectos linguísticos, sofreu muitas mudanças em sua base teórica desde seu surgimento na década de 50. Perpassando pressupostos da gramática gerativa de Chomsky até a Psicologia Cognitiva, os seus métodos de experimentação e inferências foram se transformando. Nesse ínterim, a Psicolinguística que efetivamente ganha espaço é a que traz subjacente à teoria gerativista, cujo cerne é a noção de que a língua é mutável, fundamentada em uma gramática universal internalizada e os seus falantes são essencialmente criativos, capacitados e inclinados a sempre gerarem sentenças nunca antes vistas e proferidas, a ideia de que há um padrão na forma como a maioria das pessoas processam os discursos em seu cérebro.

Descortinado o intento dessa disciplina, o objetivo do presente trabalho é evidenciar como nosso cérebro processa a correferencialidade de frases ambíguas que contêm pronome nulo, o que, como se pode verificar nas interações do dia a dia, é algo recorrente. Entretanto, na linguagem oral, esse déficit de compreensão é dirimido pelo contexto. Já na modalidade escrita da língua, pressupõe-se uma certa dificuldade no momento da compreensão. A Psicolinguística, desse modo, dispõe-se a estudar esses tipos de fenômenos linguísticos sugerindo explicações, assim como objetiva as mais variadas áreas científicas.

Valendo-se de um experimento *off-line*, no qual foi aplicado um questionário contendo 16 (dezesesseis) frases experimentais (com ambiguidade) e 32 (trinta e duas) frases de controle/distratoras (sem ambiguidade) a 10 (dez) estudantes do curso de Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), pôde-se inferir que, em discursos com frases do tipo “Quando Jairo caminhava com Tomás pela orla da praia, ficava desolado ao ver os pobres pedindo esmola.”, há uma preferência correferencial pelo sujeito da oração subordinada temporal, o que ratifica a importância de se analisar essas frases polissêmicas, a fim de averiguar como se dá o comportamento dos sujeitos falantes nesses tipos de situações discursivas, afinal, tudo que fizer parte da fala e estiver relacionado com expressões de linguagem deve ser objeto de estudo para que assim se construa uma ciência linguística mais rica e mais abrangente no tocante às nuances da língua.

Justifica-se essa pesquisa, portanto, pelas seguintes razões: pouca produção acadêmica nesse segmento linguístico, tentativa de descoberta de qual é a predileção dos estudantes de Letras da Universidade de Pernambuco diante de frases ambíguas, inferir qual a resolução mental predominante para esses casos de duplo sentido, bem como verificar se a Hipótese da Posição do Antecedente pode ser aplicada ao português brasileiro.

## **Ambiguidade e Hipótese da Posição do Antecedente (HPA)**

Em certas situações do uso da linguagem, observa-se que um texto pode ter mais de um sentido sem que isso tenha sido intencionalmente produzido. Nesses casos, dizemos que ocorreu um fenômeno denominado ambiguidade. As frases experimentais que foram elaboradas para essa pesquisa dispunham de ambiguidade gerada por um pronome nulo que poderia fazer referência tanto ao sujeito da oração subordinada adverbial temporal quanto ao objeto dela como já dito.

Esse tipo de ambiguidade, o qual chamamos de pronominal, é comum, pois, para um discurso se mostrar coeso e coerente, ele costuma dispor de pronomes, em sua maioria, pessoais e demonstrativos que evitam repetições desnecessárias e promovem a progressão textual. Estudamos, portanto, como ocorre o processamento anafórico pronominal em construções frasais que seguem o modelo de oração experimental já mencionado.

Vale lembrar que “o termo anáfora diz respeito a um elemento linguístico que tem a mesma referência de outro já mencionado em um texto escrito ou na fala” (TEIXEIRA, 2018). Na frase “Lucas viajou pela Europa, mas não gostou do clima.”, tem-se um caso de correferencialidade, pois tanto o elemento anteriormente enunciado quanto a retomada anafórica (no exemplo acima, [Lucas] e a categoria vazia [Ø] que antecede o advérbio de negação, respectivamente) remetem a um mesmo referente no discurso.

Quando, no entanto, mais de um termo precedente partilha das mesmas características morfológicas de pessoa, número e gênero do pronome anafórico estamos diante de um caso de ambiguidade pronominal, a qual em determinadas situações não consegue ser eliminada por métodos linguísticos, restrições sintáticas e/ou semânticas ou ainda conhecimento de mundo do ouvinte/leitor. Nessas circunstâncias, recorreremos às predições feitas pela Hipótese da Posição do Antecedente proposta por Carminati (2002).

A teoria da autora postula que, no caso de se ter uma correferencialidade com um pronome nulo, ou seja, um pronome que conseguimos identificar, mas não se encontra explícito no plano intrafrásico, o processo de retomada ocorre para com o sujeito da oração, termo que se encontra na posição máxima da frase do sintagma flexional. Um dos estudos brasileiros que busca confirmar essa tese é o de Fonseca & Guerreiro (2012) e, segundo esses autores, Carminati (2002) evidencia que:

“os pronomes nulos tendem a ter antecedentes sintagmas nominais [SNs] em posição de sujeito, ao passo que os pronomes plenos preferem antecedentes em posições mais baixas na estrutura da frase, geralmente complemento do verbo. Esta preferência ficou

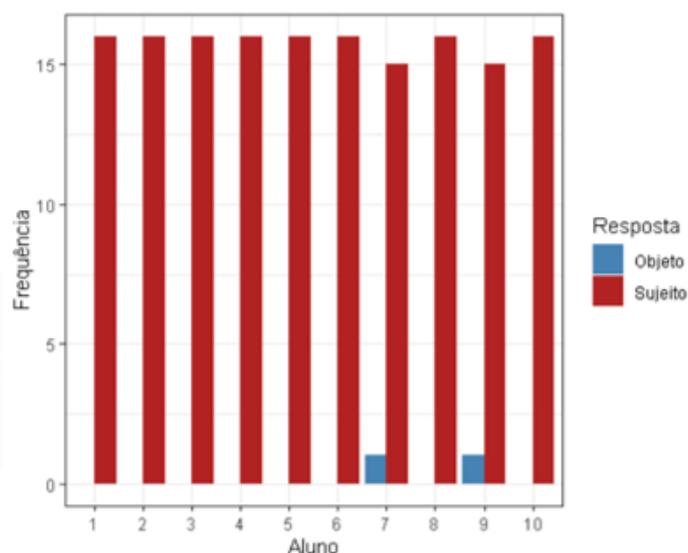
conhecida como PAS – Position of Antecedent Strategy (Estratégia da Posição do Antecedente)” (CARMINATI apud FONSECA & GUERREIRO 2012, p. 122).

Esses processamentos são orientados principalmente por considerações estruturais e configuracionais (MELO, 2020), não sendo levado em consideração, na maioria dos casos, o fator semântico para a interpretação preferencial desses pronomes.

## Resultados e Discussões

Nosso experimento *off-line* ratifica a predição feita por Carminati (2002). Nele, foi conseguido capturar a maior e a menor tendência entre as duas possibilidades de resposta (sujeito e objeto), o que corroborou para o seguinte esquema estatístico:

**Figura 1:** Distribuição das respostas por aluno



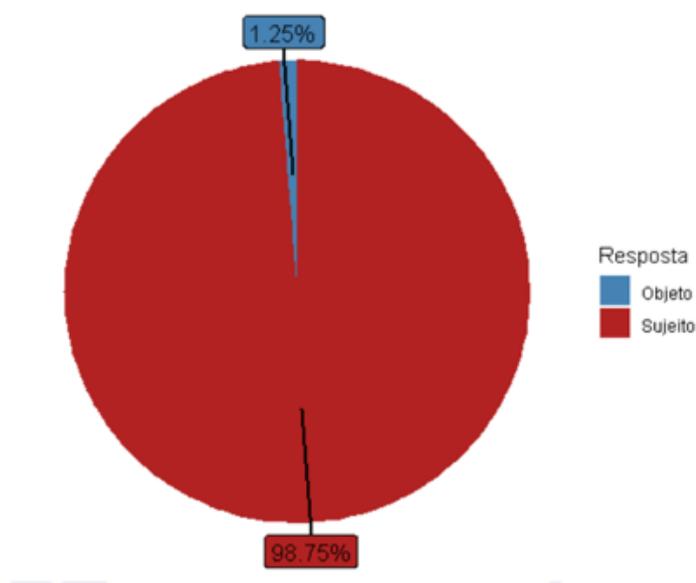
Fonte: Autores.

O banco de dados analisado foi obtido a partir do experimento *off-line* que deu as informações a respeito da interpretação (momento da reflexão) das frases experimentais, conseguindo capturar reações a estímulos linguísticos quando já houve uma integração entre todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico). Esses dados foram constituídos das respostas de 10 alunos para as 16 questões, nas quais as respostas poderiam, como dito acima, ser o sujeito ou o objeto da frase apresentada na pergunta.

A distribuição das respostas por aluno está apresentada na Figura 1. Pode-se perceber que a opção pelo sujeito foi muito mais frequente entre os respondentes, com apenas 2 alunos optando pelo objeto.

Com o interesse de analisar possíveis tendências de resposta, foi examinado o percentual de resposta para cada opção. Observa-se, na Figura 2, que 98,75% do total de 160 respostas foi para o sujeito, enquanto 1,25% foi para o objeto. Em termos absolutos, esses percentuais se referem a 158 e 2, respectivamente.

**Figura 2:** Distribuição dos tipos de resposta dos alunos.



Fonte: Autores.

Supondo, dentro da probabilidade, que as proporções esperadas de resposta eram de 50% para o sujeito e 50% para o objeto, temos interesse em testar se as proporções observadas são iguais às proporções esperadas. Para isso, utiliza-se o teste de aderência qui-quadrado com a Tabela 1 apresentada abaixo.

**Tabela 1:** Distribuição dos valores esperados e observados das respostas

	SUJEITO	OBJETO
<b>Esperado</b>	50%	50%
<b>Observado</b>	<b>98.75%</b>	<b>1.25%</b>

Fonte: Autores.

O teste foi realizado por meio do software estatístico R Studio 4.0.5 [R Core Team (2022)]. O p-valor obtido foi muito pequeno,  $< 0.01$ ; isso significa que, a um nível de significância de 1%, têm-se evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula de que a proporção observada é igual à esperada. Pela visualização dos dados, nota-se que a opção pelo sujeito foi muito superior à do objeto.

Entendido que o sujeito é o antecedente da anáfora que está mais acessível na memória de trabalho, isso nos leva à explicação de que esse comportamento se dá, provavelmente, por uma restrição obrigatória do sistema de regras do falante do português brasileiro, algo que pode mudar de uma língua para outra, dissociando-se dos parâmetros conjecturados pela GU (Gramática Universal) de que existem determinados princípios comuns, governados no cérebro humano pelo Dispositivo de Aquisição de Linguagem, que subjazem a todas as línguas naturais. Nesse quesito em específico, existe uma variedade de correferencialidade dependendo do idioma que esteja como objeto de estudo. Línguas como o inglês, árabe, norueguês, romeno, sueco, entre outras, têm preferência de ligação pelo objeto, nos casos de ambiguidade expostos nessa pesquisa, do que pelo sujeito.

### **Considerações Finais**

Conclui-se, portanto, que essas aferições corroboram para a Hipótese da Posição do Antecedente, servindo como mais uma fonte de comprovação das ideias postuladas por Carminati (2002), dentre outras que procuraram validar tais pressupostos. Vale salientar que não fomos aqui inovadores ou pioneiros, mas apenas buscamos atualizar os estudos até então realizados nesse campo da Psicolinguística Experimental, a fim de conferir se as análises feitas em anos anteriores ainda são válidas no contexto atual do uso da língua. A resposta obtida é de que sim, os falantes permanecem exibindo o mesmo comportamento linguístico para as situações discursivas aqui descritas.

### **Referências**

CARMINATI, Maria. **The processing of Italian subject pronouns**. Tese de doutoramento, University of Massachusetts, 2002.

TEIXEIRA, Elisângela Nogueira; FONSECA, Maria Cristina Micelli; SOARES, Maria Elias. Resolução do pronome nulo em Português Brasileiro: Evidência de movimentação ocular. **Veredas: Sintaxe das Línguas Brasileiras**, Minas Gerais, v. 18, ed. 1, 21 jun. 2016.

LEITÃO, Márcio Martins. *Psicolinguística Experimental: Focalizando o processamento da linguagem*. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto. 2008.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

TERRA TEIXEIRA, Mariana. O processamento de anáfora pronominal na leitura: métodos psicolinguísticos. **Letras em revista**, [S.l.], v. 8, n. 01, fev. 2018. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/23>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

COSTA, Matheus Mario; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. **Sintaxe Gerativa: reflexões para a prática pedagógica da língua portuguesa**. Artes, Letras e Comunicação. Santa Maria, v.4, p.399, 2003.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Henrique Miguel de Lima; MELO, Rita de Cássia Freire de; FRANÇA, Rayane Bezerra de. Interpretação Preferencial de Pronomes Nulos em Frases Ambíguas no Português Brasileiro por Falantes Monolíngues Universitários do Curso de Letras: Um Estudo Off-Line. **Id on Line Rev. Psic.**, Julho/2023, vol.17, n.67, p. 145-152, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/05/2023; Aceito 18/07/2023; Publicado em: 31/07/2023.